

## QUE AUSCHWITZ NÃO SE REPITA: QUANDO A BARBÁRIE RONDA O COTIDIANO

### *AUSCHWITZ, NEVER AGAIN: BARBARISM IN DAILY LIFE*

Ricardo Cocco<sup>1</sup>  
Altair Alberto Fávero<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente artigo problematiza o cotidiano com a intenção de apontar elementos para compreender este cenário que nos ameaça e nos desestabiliza. Para tanto, inicia-se com um diagnóstico de época, traçando um panorama a partir da seleção aleatória de fatos que corriqueiramente circulam nos meios de comunicação ou nas redes sociais. Na sequência são apresentados alguns elementos que permite compreender tal cenário e com o aporte teórico de Theodor Adorno, indicar que possibilidades a educação ainda possui de ser um espaço de emancipação e de prevenção contra a barbárie.

**Palavras-chaves:** Barbárie; Educação; Semiformação; Desumanização.

12

#### ABSTRACT

*This essay aims to problematize daily life to identify elements that help us understand this current scenario that threatens and destabilizes. It begins with an epoch diagnosis, drawing a panorama based on the random selection of facts that circulate in the media or on social networks. Based on Theodor Adorno's theoretical support, some aspects are also presented that indicate that education still can be a space for emancipation and the prevention of barbarism.*

**Keywords:** *Barbarism; Education; Semi-formation; Dehumanization.*

---

<sup>1</sup> Doutorado em Educação pela Universidade de Passo Fundo com Doutorado Sanduíche no Instituto Politécnico de Portalegre – Portugal. Técnico em Assuntos Educacionais e Professor Formador na Universidade Federal de Santa Maria Campus Frederico Westphalen – RS.. e-mail: [ricardococco87.9@gmail.com](mailto:ricardococco87.9@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UPF; Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (GEPES/UPF). e-mail: [favero@upf.br](mailto:favero@upf.br)

## 1. INTRODUÇÃO

Não raras vezes assistimos, lemos ou ouvimos relatos ou mesmo presenciamos fatos que nos assustam pela sua brutalidade e crueldade. Atos praticados pela mão, pela mente e pela ação humana e que, nem de longe, nos parecem algo que podemos tipificar como sendo uma ação humana. Mesmo em um tempo, um momento histórico, em que os avanços tecnológicos nos permitem ultrapassar as barreiras geográficas, espaciais, temporais e muitos dos limites impostos pela nossa natureza, tempos em que a inteligência humana alcançou avanços inimagináveis, acompanhamos ‘boquiabertos’, e, na maioria das vezes na mais perfeita inércia, como que desatentos, a comportamentos que nos parecem saídos de uma época anterior à da racionalidade humana. No entanto o que mais nos estarrece é que esta mesma racionalidade é reivindicada para justificar tais monstruosidades. Que contradição é essa que nos permite racionalmente legitimar ações desumanas? Que realidade é essa que nos assalta, nos desumaniza e ao mesmo tempo nos imobiliza?

O presente artigo tem por escopo refletir acerca do cotidiano com a intenção de apontar elementos para compreender um cenário que nos ameaça e nos desestabiliza. Para tanto, inicia-se com uma espécie de diagnóstico de época, sinalizando para um cenário que nos envolve a partir da seleção aleatória de fatos que corriqueiramente circulam nos meios de comunicação ou nas redes sociais. O estudo de natureza bibliográfica, à luz da teoria crítica e sob aporte teórico de Theodor Adorno, apresenta alguns elementos que possam contribuir para compreender tal cenário a fim de percebermos estes acontecimentos como evidências de um cotidiano brutal que nos assola. Por fim, o artigo indica quais possibilidades a educação ainda possui a fim de ser um espaço de emancipação e de prevenção contra tal barbárie.

## 2. A BARBÁRIE QUE NOS ASSALTA: VIVEMOS AUSCHWITZ EM NOSSO COTIDIANO?

“Homem que jurou lealdade ao Estado Islâmico matou a tiros 50 pessoas e feriu outras 53 no ataque a uma boate voltada ao público LGBT”<sup>3</sup>. Um rapaz de 29 anos invade uma boate frequentada predominantemente por gays, lésbicas, transexuais e simpatizantes, movido por sentimentos de homofobia (rejeição ou aversão a homossexual e à homossexualidade) e em nome de uma suposta ideia de fidelidade à um movimento de conotações religiosas em Orlando nos Estados Unidos da América em junho de 2016 e num ato de terror e ódio atira contra o público presente matando mais de 50 pessoas e ferindo outras dezenas. Se a tragédia por si só já não fosse lamentável, espalharam-se, especialmente nas redes sociais, manifestações preconceituosas que afirmavam que grupos LGBT estariam usando a tragédia para se promover. Comentários sobre a tragédia que são uma mistura de tentar negar que houve homofobia, de culpabilização das vítimas e também de relativização do sofrimento.

*“Investigações no Brasil revelam 300 células de propaganda nazista na web. Neste ano, neonazistas podem ir a júri popular por assassinatos cometidos. Proibição de livro de Hitler no país gera polêmica”*<sup>4</sup>. Grupos neonazistas utilizam a internet as redes sociais no Brasil (e em muitos países do mundo) – e a vida real - para espalharem o ódio (“é prazeroso odiar” diz um dos militantes destes grupos na entrevista) fazendo propaganda dos fundamentos nazistas mantendo vivo o horror e os símbolos do regime levando à inúmeros assassinatos motivados por racismo, fanatismo, perseguição às minorias e a fantasias da pureza racial.

*“Nordestino não é gente, faça um favor a São Paulo, mate um nordestino afogado!”*<sup>5</sup> Rixas entre culturas levam à ações preconceituosas que evidenciam comportamentos de preconceito quanto à origem geográfica e cultural dos indivíduos levando à violência gratuita contra os diferentes considerados inferiores que, em tese, devem ser eliminados em prol de um projeto de limpeza e purificação (exterminio) étnico.

---

<sup>3</sup><https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/policia-diz-que-ataque-em-boate-nos-eua-deixou-50-mortos.html>. Atualizado em 12/06/2016 22h02

<sup>4</sup> <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/02/investigacoes-no-brasil-revelam-300-celulas-de-propaganda-nazista-na-web.html>. Atualizado em 28/02/2016 23h06.

<sup>5</sup>Frase postada no twitter na noite de domingo, 31 de outubro de 2010. [http://www.nenoticias.com.br/62381\\_movimento-no-twitter-gera-onda-de-preconceito-contra-nordestinos-na-internet.html](http://www.nenoticias.com.br/62381_movimento-no-twitter-gera-onda-de-preconceito-contra-nordestinos-na-internet.html). 11/01/2010 11:39.

“*Errada era ela, diz suspeito de estupro coletivo no Rio. Um vídeo mostra que jovem implorou para não ser estuprada. Adolescente foi estuprada e humilhada com xingamentos. Foram 36 horas nas mãos dos agressores*”<sup>6</sup>. A culpabilização da vítima é evidenciada na fala de um dos agressores que participou de um estupro coletivo a uma jovem de 16 anos no Rio de Janeiro em junho de 2016. No caso, para o agressor a vítima “merecia” ter sido violentada por sua conduta e era de “direito” dos criminosos que isso fosse, por eles, consumado.

“*Bullying leva estudante a cometer suicídio em Vitória/ES*”<sup>7</sup>. Um garoto de apenas 12 anos se suicidou, por não suportar mais ser vítima de bullying na escola. O menino era gordinho e recebia os piores apelidos, além de apanhar constantemente. Segundo relatos, o aluno era humilhado, empurrado e xingado de "gay", "bicha" e "gordinho" pelos colegas.

As notícias (verídicas) relatadas acima e selecionadas em um curto espaço temporal (escolhidas aleatoriamente dentre tantas outras) sugerem que a sociedade em nosso tempo cotidianamente experimenta eventos marcados pelo horror das tragédias, da barbárie e das ameaças à vida humana. No entanto, mesmo que tocados pelo desconforto e tristeza (o que é esperado de qualquer ser humano), tais atos nos abordam com maior profundidade, na grande maioria das vezes, em virtude de algum tipo de proximidade que temos com eles. Caso contrário, não costumamos dispensar energias ou tempo suficiente para que eles sejam pautas intensas em nossas reflexões, ou de mergulhos reflexivos generalizados em espaços sociais, midiáticos ou educativos.

Esta insensibilidade diante destes fatos é um sintoma da acomodação e apatia diante do crescimento do autoritarismo. As ameaças em relação à instauração e propagação da barbárie representada por estas tragédias, ou por ações legitimados por um suposto comportamento racionalizado (visto que os atos são praticados invariavelmente por aqueles que dizem ter a razão) basicamente são naturalizadas a ponto de serem, em certo grau, banalizadas, como se

---

<sup>6</sup><http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/06/novo-video-comprova-estupro-coletivo-no-rio-de-janeiro.html>. 08/JUN/2016 ÀS 18:09.

<sup>7</sup> <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/bullying-leva-estudante-a-cometer-suicidio>. Atualizado em 10/02/2013 - 11:25.

estas atrocidades não estivessem atingindo, no fundo, a própria humanidade. Este é um diagnóstico de época que nos assalta, mas frente ao qual parecemos ainda cegos ou indiferentes. Cegueira que contribui para a legitimação da barbárie visto que contra tais fatos nada temos em contrário.

Estes acontecimentos indicam de que ainda permanecem vivas as condições para instauração da barbárie e provocam a reflexão em especial diante da urgência de uma resposta também do campo da educação. Como compreender este movimento culturalmente legitimado de ameaça à vida e retorno da barbárie, aparentemente recalcada, mesmo em tempos de infinitos avanços tecnológicos e científicos? Que contribuição pode-se esperar da educação e das instituições educativas neste horizonte, e a que ela, frente a este cenário, deveria destinar-se? Educação para quê? Que indivíduos ou comportamentos seriam capazes de barrar ou evitar tais ameaças?

### 3. AS CONTRIBUIÇÕES DE ADORNO PARA PENSARMOS A BARBÁRIE E A TAREFA DA EDUCAÇÃO

Em Adorno (1995), encontramos quiçá alguns elementos que podem nos ajudar a compreender a barbárie e igualmente a tarefa fundamental da educação com vistas à formação humana autônoma e emancipada, tendo em vista que para ele a educação deve concomitantemente evitar a barbárie e promover a emancipação humana.

Theodor W. Adorno nasceu em Frankfurt no ano de 1903. Filho de pai alemão, próspero negociante de vinhos (um judeu convertido) e mãe italiana, de brilhante carreira como cantora. Frequentou espaços acadêmicos e culturais de vanguarda europeus doutorando-se em 1931 com uma tese sobre *Kierkgaard e a Construção da Estética*. Tornou-se membro, de forma oficial, do Instituto de Investigação Social em 1938. Instituto que ficou mundialmente conhecido como a Escola de Frankfurt, e onde ele exerceu a função de diretor em 1958. “A Escola de Frankfurt é a etiqueta que serve para marcar um acontecimento (a criação do Instituto), um projeto científico, uma atitude (batizada de Teoria Crítica), enfim, uma corrente ou movimentação

teórica ao mesmo tempo contínua e diversa” (ASSOUN, 1991, p. 19). Após permanecer um tempo significativo de sua vida exilado nos Estados Unidos da América (EUA), durante os últimos anos da Segunda Grande Guerra Mundial, retorna à Europa onde restabelece a estreita relação de colaboração com Horkheimer, o que culmina numa obra escrita a quatro mãos e de maior repercussão em sua extensa e crítica filosofia: *Dialética do Esclarecimento* de 1947.

O Instituto para pesquisa social em Frankfurt era composto majoritariamente por intelectuais, de classe média e/ou média alta e judeus alemães. Na primeira parte de sua obra *A Escola de Frankfurt* (1991) intitulada *O que é a Escola de Frankfurt?*, Assoun (1991) atribui filiação à escola alguns teóricos, tendo em vista àqueles que dela se reclamam, levando em consideração a plataforma teórica (Teoria Crítica) e/ou identidade histórica (pertencimento oficial ao Instituto) e/ou um projeto político e histórico ao qual alguns autores estiveram associados face ao mundo do século XX. Dentre eles, além de Adorno, destacam-se na linha de frente o fundador Max Horkheimer, Herbert Marcuse, pelo entrecruzamento com a extensão teórica da escola, Walter Benjamin, em virtude de sua implicação teórica no projeto da escola, ilustrando-a sem a ela aderir precisamente e Erich Fromm, estreitamente ligado à escola num determinado período, antes de radicalmente ter se afastado dela. Outros autores colaboraram nas tarefas do instituto à sua maneira. Nesta “galáxia” de pensadores que constituem as bases da Teoria Crítica ainda é possível acrescentar os herdeiros desta teoria, que mesmo não pertencendo à constelação histórica (fundadores, associados e aparentados), referem-se à teoria nas suas problemáticas, como é o caso de Jürgen Habermas, “cuja hermenêutica se inscreve numa certa legitimidade teórica e histórica frankfurtiana e permite atualizar-lhes as problemáticas de fundo” (ASSOUN, 1991, p. 17).

Adorno, dentre outros, saíram da Alemanha Nazista, fugidos da perseguição de Hitler e nos Estados Unidos acompanharam o florescimento de um fenômeno que depois foi por eles denominado de Sociedade de Massa. É nos EUA onde Adorno, mesmo tendo vivido e sofrido as atrocidades promovidas pelo nacional-socialismo alemão, teve suas experiências mais perturbadoras e que vão, de certa maneira, marcar boa parte de seu pensamento. Morar nos EUA foi um choque para ele, pois imaginara que estava saindo das garras do fascismo e

chegando a uma sociedade onde reinava a liberdade. No entanto, deu-se conta de que aquela sociedade era tão ou mais totalitária que a sociedade fascista, aquela, por seu turno, não dominada pela força do exército, das armas, mas de uma indústria cultural, manifestamente produzida sob a tutela de poderosos meios de comunicação social de massa. A percepção da sutileza e ao mesmo tempo da força e da violência racionalmente administrada e o caráter manipulador com que a sociedade de massa na sociedade capitalista (e o projeto totalitário nazi-fascista) age sobre o indivíduo e a sujeição impotente deste aos mecanismos que por ela são acionados mobilizam o pensamento adorniano.

Para além desta experiência a filosofia de Adorno é tocada pelos horrores da segunda guerra mundial e pela crueza do nazismo alemão. A violência assumiu, segundo ele, em uma determinada circunscrição histórica e em específicas condições socioculturais e econômico-políticas, um discurso científico para se justificar e o nazismo seria um caso de manifestação desta barbárie. Nela a violência se torna algo banal, uma barbárie racionalizada, escondida por debaixo da cultura e por detrás de uma lógica racionalizada, por meio do cálculo e do planejamento. Não se fala, portanto, de algo que é evidente ou sobre como as coisas foram, mas de alguma forma sobre as estruturas e os mecanismos que deram suporte e legitimidade teórico-filosófica de como as coisas foram. Mecanismos e estruturas que, no presente, tendem a ser escamoteadas por consciências enfraquecidas pelo horror, pela ferida que causaram ou pela frieza característica das sociedades marcadas pela mercantilização e burocratização das relações sociais, mas que insistem em permanecer vivas em busca de condições favoráveis para o seu ressurgimento.

Adorno mesmo faz um alerta: “considero a sobrevivência do nacional-socialismo *na* democracia, como potencialmente mais ameaçador do que a sobrevivência de tendências fascistas *contra* a democracia” (ADORNO, 1995, p. 30). Eis, portanto, a necessidade de constante vigilância, visto que o retorno da barbárie é sempre possível, a partir do momento que estiverem presentes as condições que lhe são favoráveis. A experiência dos campos de concentração exerceu grande influência na filosofia de Adorno. Neles, o autor se dá conta dos contornos e do desenho materializado de um mundo totalmente administrado e racionalmente

organizado (racionalização da morte nas fábricas de matar do nacional-socialismo). Para o autor “Auschwitz foi a regressão. A barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão” (ADORNO, 1995, p.119). A possibilidade de que a monstrosidade de Auschwitz se repita é o que apavora.

Auschwitz não nos causa pânico apenas pelas centenas de milhares de vidas que foram sumariamente eliminadas<sup>8</sup> durante o período de seu funcionamento, mas pelos mecanismos e pelo que tais fábricas da morte representaram em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento e do humanismo supostamente crescente da civilização imbuída pelo projeto de racionalidade iluminista. “Milhões de pessoas inocentes – e só o simples fato de citar números já é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades – foram assassinadas de uma maneira planejada” (ADORNO, 1995, p. 120).

Adorno não pretende encampar uma destruição do projeto iluminista, no entanto nem tem pretensão de endossar o projeto. Mas faz uma crítica de dentro dele. Para torná-lo crítico e autocrítico, visto que em algum momento ele se tornou um projeto totalitário racionalmente constituído. A racionalidade iluminista é instrumental, desenvolve-se como uma ferramenta de controle da natureza e do outro como objeto. A racionalidade instrumental cria discursos que justificam a dominação de uns sobre os outros. Discursos, lógicas que justificam os processos de dominação. Este processo de dominação da natureza, do eu e da natureza do outro, que será tanto menos outro quanto menos nos identificarmos com ele. Outro toma a forma tão radical que não vejo nele um outro eu. “Se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito” (ADORNO, 1995, p. 134).

A incapacidade crescente ou mesmo a perda da capacidade dos indivíduos para a reflexão, ou mesmo sua restrição imposta imperativamente pela visão dominadora da

---

<sup>8</sup> Durante seu interrogatório, o ex-comandante do campo entre 1940 e 1943, Rudolph Höss, declarou que Adolf Eichmann lhe havia dito que cerca de 2,5 milhões haviam sido mortos nas câmaras de gás e mais 500 mil morrido “naturalmente”. Mais tarde, Höss escreveu: “Eu considero 2,5 milhões um número muito alto, mesmo Auschwitz tinha limitações para suas capacidades de aniquilação”.

racionalidade instrumental encontra na redução do objeto à mercadoria e do sujeito à condição de consumidor sua expressão mais aprimorada. “Junto com sua identidade e seu potencial de resistência, as pessoas também perdem suas qualidades, graças a qual têm capacidades de se contrapor ao que em qualquer tempo novamente seduz ao crime” (ADORNO, 1995, p. 122). A indústria cultural<sup>9</sup> se apropria do esquematismo, das categorias do entendimento do mundo e nos dá as categorias de entendimento dela. O indivíduo passa a ver a vida aos olhos das representações culturais elaboradas pela indústria cultural. O esmagamento do particular pelo universal, a mutilação da consciência se reflete num indivíduo não livre propício à violência.

Em *Educação e Emancipação* (1995) Adorno traça um diagnóstico dos riscos da sobrevida do fascismo na democracia<sup>10</sup> e indica elementos que nos ajudam a pensar o papel da educação e sua função máxima de contraposição à ausência de consciência e antídoto à possibilidade de retorno à barbárie.

O revigoramento direto ou indireto do fascismo<sup>11</sup> representa sofrimento e miséria. Desta forma é preciso ter clareza sobre os mecanismos que constituem este modo manipulador de ser da sociedade de massas e que constituem os indivíduos que deliberada e irrefletidamente se engajam neste processo para em seguida poder impedir da melhor maneira possível a sua formação, pela transformação das condições para tanto. Como, diz Adorno “é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos (sociais e políticos) que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo” (ADORNO, 1995, p. 121). Com Horkheimer, o autor

---

<sup>9</sup> A indústria cultural foi o conceito dado por Adorno e Horkheimer para designar transformação de diferentes obras em produtos padronizados, devido à introdução da tecnologia no processo de produção cultural.

<sup>10</sup> A democracia na presente abordagem é tematizada a partir da concepção de John Dewey (1959, p.126) como sendo “primacialmente, uma forma de vida associada de experiência conjunta e mutuamente comunicada”.

<sup>11</sup> Michel Foucault afirma e denuncia em sua *Introdução por uma vida não fascista* uma espécie de desejo de/pelo poder que atravessa a todos os sujeitos, uma espécie de dose diária de fascismo cotidiano que habita em nós: “O inimigo maior, o adversário estratégico [...]: o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini - que tão bem souberam mobilizar e utilizar o desejo das massas -, mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora” (FOUCAULT, 1996, p. 5).

aponta para a necessidade de uma racionalidade crítica: o homem cria conhecimento, mas tem um compromisso moral de transformação da realidade ao identificar os erros e melhorá-la.

Adorno chama a atenção para a perda da memória coletiva em razão da progressividade dos princípios burgueses, que considera como desnecessária toda e qualquer experiência acumulada. Isto significa que a memória, a tradição e a história são liquidadas em favor da racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial. O gesto de tudo esquecer, ou deturpar simplesmente o passado tomando-o como tragédia, invariavelmente provém daqueles partícipes ou partidários que de uma maneira ou outra praticaram ou se engajaram na prática da injustiça e que pretendem viver como se nada tivesse acontecido. A culpa que se deseja afastar pelo esquecimento de uma ferida que não foi cicatrizada e que é causa de mal-estar não se origina de fontes obscuras, mas de fontes muito racionais. A memória debilitada recusa-se a pensar o passado. É o pânico causado pelo passado rememorado e não plenamente dominado que tenta destruir a memória. “Apagar da memória seria muito mais um resultado da consciência vigilante do que do resultado da fraqueza da consciência frente à superioridade de processos inconscientes” (ADORNO, 1995, p. 34).

A tolerância ou o silêncio em relação às atrocidades cometidas pelo nacional-socialismo, ou a mobilização voluntária de indivíduos, que mesmo tendo formação filosófica ou artística se engajaram no movimento, mostram que as razões objetivas da barbárie não se encontram à mercê do estado de frieza e do cálculo característicos da razão moderna instrumental. “É ilusório imaginar que o regime nazista nada tenha significado além de pavor e sofrimento. [...] Muitos viveram muito bem sob o fascismo. O terror só se abateu sobre um pequeno número de grupos relativamente bem definidos” (ADORNO, 1995, p.39). Daí resulta em parte a passividade diante do horror da vida moderna e a omissão diante da violência. “O mundo hitlerista efetivamente protegia seus adeptos frente às catástrofes naturais da sociedade que se abatiam sobre as pessoas. [...] Propiciava inclusive proteção em face do medo geral de ficar de fora e submergir (ADORNO, 1995, p.39). O que Adorno chamou de “participação oportunista” era, antes de tudo, uma adesão àquilo que, na prática, poderia resultar em alguma vantagem, como um passaporte, ou seja, numa sociedade onde tudo se reproduz destacam-se

os que aderem. “A sobrevivência do sujeito exige frieza, o princípio básico da subjetividade burguesa, calculada como tempo abstrato no modo de produção imperante - o esquema da Cultura de massas” (MAAR, 2003, p. 465). Bomba atômica, preconceitos, genocídios tornam-se fenômenos habituais, aceitáveis no curso da história onde, em última instância, reina a racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial sob a égide do capital a nível econômico e a tendência à sujeição do indivíduo à reprodução de um mundo em que sua condição é de sujeito sujeitado, determinado na adequação ao vigente.

A violência não atinge e não pode atingir a totalidade da civilização, e, por isso são eleitos alguns grupos ou segmentos que, geralmente são tidos como os mais fracos e ao mesmo tempo, segundo Adorno, seja isso verdade ou não, mais felizes. O ódio não é exclusivamente contra os judeus, mas em cada momento histórico é projetado sobre alguns grupos sociais. O antissemitismo “é definido pela completa incapacidade de fazer experiências O ódio está ali, só precisa de um alvo. Bastaria, para Adorno, um elemento amalgamador para potencializar este ódio e o colocá-lo como prática organizada do coletivo. A perda da capacidade de realizar experiência formativa é traduzida pelo conceito de vida falsa ou vida danificada. Esta revelaria as dimensões da experiência capitalista, que fazem do outro o alvo da raiva e do ressentimento. Para ele o próprio processo civilizatório origina e fortalece o que é anticivilizatório. Tal processo engendra um sentimento de claustrofobia que é acirrado no horizonte de um mundo totalmente administrado onde a consciência mutilada é coisificada, o que resulta numa incapacidade do sujeito de levar a cabo experiências humanas livres e autônomas e que não experienciam as contradições sociais. “Trata-se de pessoas incapazes de amar, carentes de uma relação libidinal com outras pessoas. Elas são inteiramente frias. [...] Seu amor era absorvido pelas coisas” (ADORNO, 1995, p. 133). Por isso da necessidade do estado constante de alerta em relação à possibilidade de retorno da barbárie.

Para Adorno, Auschwitz permanece pulsante no coração dos indivíduos e como possibilidade sempre real no curso do desenvolvimento civilizatório face ao “fetichismo da técnica” resultante de uma consciência coisificada, às artimanhas da propaganda referindo-se

às artimanhas da Indústria Cultural e à reprodução mecânica e irrefletida do vigente como cópia, e à adesão cega aos coletivos.

Ao ser capaz de projetar um sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência esquecendo-se do que acontece com elas, ou mesmo, elaborar um complexo e bem montado processo seletivo de pessoas a serem exterminadas em um campo de concentração de maneira a racionalizar os custos de “produção” (no caso produção de mortes) no menor tempo possível, sem a consciência de que o produto final é a eliminação de vidas humanas, o sistema escancara a relação ambígua do homem com a técnica. Se por um lado o desenvolvimento tecnológico gera pessoas afinada com a técnica, por outro, e da mesma maneira, “na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico. Isso se vincula ao ‘véu tecnológico’. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens” (ADORNO, 1995, p. 132). A consciência coisificada, não consiste apenas numa idolatria por coisas, mas “no começo as pessoas desse tipo se tornam, por assim dizer, iguais a coisas e em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas” (ADORNO, 1995, p. 130). Adorno e Horkheimer, de acordo com Bueno (2010, p. 237) apregoaram a condição imanente da civilização tecnológica:

[...] na mesma medida em que os homens se emancipam frente ao poder da natureza, por meio dos avanços científicos e tecnológicos, um novo estado de barbárie prospera silenciosamente, não em oposição ao progresso da razão, mas graças a ele, como seu subproduto histórico. O processo de racionalização, por meio do qual a humanidade logrou a superação do estado de dependência e de medo frente às forças da natureza, desenvolveu-se de maneira a tal ponto violenta e implacável que os próprios homens foram convertidos em objeto de dominação totalitária.

Em relação à propaganda, Adorno aponta ser ela um “privilégio dos totalitários”, na medida em que em que se converte numa ferramenta de manipulação do racional pelo irracional. Os mecanismos de propaganda, e a estes estão vinculados os Meios de Comunicação Social, promovem um impacto no estado de consciência do indivíduo. Ao analisar os meios de comunicação na construção da subjetividade e da realidade. Adorno alerta para os seus mecanismos de propagação de desejos. Desejos eróticos que jamais são satisfeitos e que se transformam em desejo de consumo como mecanismo compensatório. Sob o abrigo dos

mecanismos da Indústria Cultural o indivíduo reproduz a vida (não a sua) sob o monopólio da “cultura de massas”. “O mundo, que permanece irracional, seria reconstruído como racionalização, num esquematismo planejado que substitui o que seria a experiência do consumidor. [...] No mundo reconstruído, o sujeito semiformado, toma-se como sujeito do mundo que meramente reproduz” (MAAR, 2003, p. 463). Adorno é crítico à comunicação de massa, em seu uso (instrumental), manipulador e quando utilizado para controle social e massificação, mas vê também possibilidade de experiências positivas na Comunicação de massa.

Ainda em se tratando de adaptação controlada, o autor destaca o caráter manipulador e as consequências da adesão cega aos coletivos, em que os indivíduos tendem a converterem-se em massa amorfa, abduzidos enquanto seres autodeterminados pela filiação ao grupo o qual impõe formas heterodeterminadas e homogeneizantes de comportamento, ritos de iniciação, costumes. Mesmo que de forma velada, os indivíduos encontram satisfação substitutiva na identificação com o todo, o que para Adorno, potencialmente tornara-se arauto da violência nazista. Os indivíduos sujeitados com a total cessão da vida e a obediência subalterna face à odiosa imposição sabem que aprenderão os hábitos sem resistir, mas ao mesmo tempo o vêem como um passaporte no qual aqueles que não aderem correm eminente risco ao ostracismo ou mesmo serão jogados à própria sorte.

O combate ao antissemitismo na sociedade, para Adorno, passa pela superação de sua menoridade, ou seja, na medida em que ele seja capaz de realizar uma experiência formativa autônoma, o que abrange muito mais do que uma simples adoção ou incorporação de valores existentes ou pré-determinados, mas num movimento permanente de autoconsciência onde o indivíduo autônomo e emancipado, num contato com o objeto e com a história, vai (re)elaborando o que acumula como esclarecimento. O passado só estará elaborado plenamente no momento em que estiverem eliminadas as causas do que passou. A possibilidade de desenvolvimento de uma teoria crítica da sociedade e do próprio sujeito depende do restabelecimento da experiência, como elaboração do passado de forma esclarecida. “A monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que

se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas” (ADORNO, 1995, p. 119). Sob uma clara influência de Freud, Adorno defende a tese de que a ênfase no combate à barbárie deve recair sobre os aspectos subjetivos. No entanto, afirma ele, que as raízes de tais acontecimentos devem ser buscadas nos perseguidores, nos autores das injustiças, nos culpados que desprovidos de consciência voltaram o seu ódio às suas vítimas sem refletir a respeito dos acontecimentos ou de si próprios e não nas vítimas que foram assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos. “Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos” (ADORNO, 1995, p, 121).

Tal inclinação ao sujeito (já que são imensas as limitações no que concerne às transformações sociais e políticas que geram tais acontecimentos), capaz de reconhecer e tornar consciente os mecanismos que provocam nele próprio o preconceito, a rigidez, a frieza ampliaria as possibilidades de que cada um sirva-se de seu próprio entendimento. “A realização da emancipação é uma luta contra a barbárie, pois a primeira produz um ‘indivíduo autônomo’ e a autonomia é o melhor antídoto contra a possibilidade de retorno da barbárie” (VIANA, 2005, p. 6).

Adorno condena a ideia de sistema, no qual mesmo o discurso filosófico se assemelha aos regimes totalitários que esmagam o indivíduo em sua estrutura. No entanto, se o processo civilizatório provoca uma quase que insuportável pressão exasperada por um mundo mutilado de sentidos humanos, a violência se torna uma alternativa concreta de fuga da civilização. Desta forma, se optarmos pelo abandono do projeto iluminista, por exemplo, nos restaria, da mesma forma, a barbárie. Tal perspectiva deve ser lida, portanto, a partir da crítica imanente à escola de Frankfurt. Reconhece-se a possibilidade de um sistema, mas que este esteja sempre sendo posto à prova através de mecanismos internos do próprio sistema.

#### **4. A SEMIFORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO ENQUANTO “VACINA PREVENTIVA”**

À ameaça do retorno sempre eminente da barbárie Adorno contrapõe uma “vacina preventiva”, ou um “antídoto” possivelmente eficaz: a autonomia. Segundo ele “o único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação” (ADORNO, 1995, p. 125). Como condição de possibilidade para entender os significados da autonomia como instrumento de combate à regressão deformativa do ameaçador retorno da barbárie Adorno afirma: “Se existe algo que pode ajudar contra a frieza como condição da desgraça, então trata-se do conhecimento dos próprios pressupostos desta, bem como da tentativa de trabalhar previamente no plano individual para contrapor estes pressupostos” (ADORNO, 1995, p. 135).

Para Maar (2003, p. 469) “a reificação expressa na autonomização não deve ser simplesmente negada, mas pensada como uma forma determinada entre outras”. É ingenuidade pensar que é possível criar um sistema coletivo de pensamento que transcenda a ideologia. Ideologia no sentido de Adorno corresponde a uma versão da realidade, uma visão de mundo. Só temos acesso às versões da realidade, não a ela. Adorno evita prescrições, ou soluções mágicas, absolutas ou idealistas, reconhecidas facilmente no aforismo “tu deves”. Sua posição evoca o caráter de crítica e autocrítica constante. Não há uma solução definitiva, só preventiva, que Auschwitz não se repita.

Nesta perspectiva, a fim de compreender o papel preventivo da educação e sua finalidade formativa, é preciso evocar os mecanismos, decifrar as condições e condicionamentos que causam ou causaram determinado modo de ser, a partir dos quais uma certa forma da subjetividade é socialmente imposta por um modo de produção em todos os planos da vida. A este fenômeno Adorno nomeia semiformação, a qual não compreende um modo formativo mutilado, parcial ou limitado, mas é a própria determinação social da formação na sociedade capitalista contemporânea. A semiformação, forma dominante da consciência contemporânea, é a forma social da subjetividade determinada nos termos do capital, ou seja, constitui-se por uma adequação na continuidade do existente, como sujeição do indivíduo nos termos de reprodução social. Para ele, a semiformação “faz parte do âmbito da reprodução da vida sob o monopólio da ‘cultura de massas’. [...] As massas são semiformadas afirmativamente

para confirmar a reprodução continuada do vigente como cópia pela indústria cultural” (MAAR, 2003, p. 461).

O conceito de semiformação é contrário ao conceito de *Bildung*<sup>12</sup>. A semiformação fica no nível de instrução básica, primária, e queno, no entanto, por sua vez, dá a impressão ao indivíduo que ele é inteligente (“idiota com referências”). É a capacidade de acumular saberes, mas de forma acrítica. Dá aos indivíduos pseudocertezas. Acumulação de saberes de forma passiva, disciplinada. Não o faz pensar. Os sujeitos são instrumentalizados. “A semiformação está em estreita relação com a razão instrumental” (MAAR, 2003, p.461). O indivíduo semiformado, num mundo reconstruído articulada e ordenadamente, torna-se um sujeito que meramente reproduz. Os homens se convertem em objetos e deixam-se manipular sem resistência. A própria cultura é transformada em mercadoria antecipada por um esquematismo produtivista especialmente de mercado nos moldes da produção industrial. O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A frieza, a impessoalidade e a incapacidade reflexiva da racionalidade instrumental é tomada como força social e o ponto de partida é a reprodução do presente. Naufraga a autoreflexão em favor do mito da razão onipotente. No fundo, está à disposição um “eu fraco, necessitando, para se compensar, da identificação com os grandes coletivos e da cobertura proporcionada por eles” (ADORNO, 1995, p. 37).

Na perspectiva da teoria crítica, em Adorno se apoia no esclarecimento de um presente já realizado ou se realizando e não numa idealização a ser realizada. “A semiformação não pode ser explicada por si mesma, por que constitui resultado de um processo de dominação sistemática por mecanismos das relações político-econômicas dominantes (MAAR, 2003, p. 468). Neste sentido, este tipo de formação, característico das sociedades onde reinam as

---

<sup>12</sup> A palavra alemã *Bildung* significa, genericamente, "cultura" e pode ser considerado o duplo germânico da palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, *Bildung* remete a vários outros registros, em virtude, antes de tudo, de seu riquíssimo campo semântico: *Bild*, imagem, *Einbildungskraft*, imaginação, *Ausbildung*, desenvolvimento, *Bildsamkeit*, flexibilidade ou plasticidade, *Vorbild*, modelo, *Nachbild*, cópia, e *Urbild*, arquétipo. Utilizamos *Bildung* para falar no grau de "formação" de um indivíduo, um povo, uma língua, uma arte: e é a partir do horizonte da arte que se determina, no mais das vezes, *Bildung*. Sobretudo, a palavra alemã tem uma forte conotação pedagógica e designa a formação como processo. Por exemplo, os anos de juventude de Wilhelm Meister, no romance de Goethe, são seus *Lehrjahre*, seus anos de aprendizado, onde ele aprende somente uma coisa, sem dúvida decisiva: aprende a formar-se (SUARES, 2005, p. 193).

condições modernas de produção, não deve ser compreendida como um distúrbio ou confusão pedagógica numa determinada situação social educacional, mas refere-se à “uma forma ordenada da sociedade contemporânea determinada conforme um certo modo de produção social dos homens, e somente neste âmbito pode ser adequadamente apreendida” (MAAR, 2003, p. 471).

A crítica adorniana à coisificação da consciência, reflexo da fetichização da técnica e da mercadoria, à indústria cultural sob a qual as massas são guiadas e à qual reproduzem de forma acrítica e ao caráter autoritário da semiformação, resultante de um processo de integração na sociedade fundamentada num certo modo de produção social dos homens, na qual a educação sucumbiu em detrimento à sua vocação formativa, elementos sob os quais repousam os riscos de retorno da barbárie apontam para um movimento capaz de desencadear um processo de esclarecimento do sujeito, que por seu turno, poderia criar um clima cultural e social favorável para obstaculizar a repetição da barbárie. A “emancipação” do sujeito fundamentada no “imperativo da auto-reflexão da razão e na elaboração do passado” como potenciais emancipadores da razão, poderiam despertar o sujeito de sua “anestesia forçada e recuperar as esperanças em nome das quais a razão outrora se justificou” (BUENO, 2010, p. 237).

Esta intensa e incisiva crítica Adorniana às mazelas produzidas por uma modernidade alicerçada e conduzida pela racionalidade instrumental subordinada ao planejamento e ao cálculo não tarda em enunciar as exigências que se impõe à educação. A primeira de todas elas, e que a ele causa espanto que não tenha recebido até então muita atenção, é de que “Auschwitz não se repita” (ADORNO, 1995, p. 119). Por mais que ele não tenha tido a preocupação de elaborar uma teoria da educação, esta tem um papel nevrálgico em seu escopo filosófico e deve ser compreendida dentro de seus limites. A crise da razão e a crise da educação na modernidade, face ao que ambas tentaram justificar, pode segundo Bueno (2005, p. 238) ser assim sintetizada: “a redução da racionalidade à instrumentalização integral no campo epistêmico corresponde, no campo educativo, à redução da formação à semiformação”. A educação, nesta perspectiva teria sucumbido à semiformação, abdicando de sua vocação formativa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adorno atribui à educação um duplo encargo: uma ação preventiva e outra propositiva. Indica a simultaneidade entre a prevenção contra a barbárie e a luta pela emancipação. “A realização da emancipação é uma luta contra a barbárie, pois a primeira produz um ‘indivíduo autônomo’ e a autonomia é o melhor antídoto contra a possibilidade de retorno da barbárie” (VIANA, 2005, p. 6).

Preventivamente deve agir para evitar o retorno da barbárie, visto que, mesmo a humanidade tendo vivenciado os horrores do fascismo na sua forma mais radical através das fábricas da morte (nos campos de concentração), da indiferença ao outro elevada às suas últimas e mais radicais consequências, da adesão espontânea às atividades industriais controladamente mortais, do ódio (des)medido direcionado a grupos especificamente identificados como “os inimigos” a serem destruídos, onde a razão moderna teria encontrado sua face mais irracional (“vitória de uma racionalidade homicida” (BUENO, 2010, p. 237)), é visível que as condições sócio-históricas que engendraram tais violências ainda permanecem.

Portanto, frente às situações trágicas indicadas no início do artigo, marcadas por comportamentos intolerantes, homofóbicos, preconceituosos, xenófobos e agressivos, a educação deve voltar as suas forças e dirigir toda a sua preocupação no intuito de impedir a regressão à barbárie, pois ela continuará existindo sempre enquanto persistirem no que tem de fundamental as condições que geram esta regressão. Mesmo que Adorno indique que uma atenção maior deve ser dada à primeira infância, que, segundo a psicologia é onde forma-se boa parte do caráter do indivíduo, a educação como um todo deve servir como “vacina” preventiva no plano individual contra os pressupostos que potencialmente contribuiriam para o retorno da barbárie.

A educação precisa agir simultaneamente de forma propositivamente. Adorno propõe que o combate permanente e atendo aos riscos da regressão à barbárie só se efetivaria quando a educação estivesse voltada a emancipação. Emancipação é o elemento central da educação. O único princípio realmente eficaz contra Auschwitz é a autonomia. “Auschwitz só foi possível devido à identificação cega com o coletivo e o preparo para manipular as massas e coletivos”

(VIANA, 2005, p. 3). Ao reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atrocidades ou outras, os próprios indivíduos estariam de posse das ferramentas cognitivas e psicológicas adequadas para que se tornem capaz de inviabilizar tais atos no futuro. Portanto a educação deve ser dirigida a uma autoreflexão crítica. Numa série de debates realizados com Becker na rádio Hessen, transcritos na obra *Educação e emancipação*, no capítulo intitulado “Educação para quê? Adorno afirma:

[...] assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem e emancipado (ADORNO, 1995, 141-142).

Fala-se em emancipação como conscientização, ou seja, reflexão racional pela qual, o que à primeira vista parece ser da ordem do “natural”, inerente na sociedade cultural, decodifica-se como algo socialmente ordenado e determinado em dadas condições específicas da produção real e efetiva da sociedade. Cada indivíduo deve servir-se de seu próprio entendimento. A orientação normativa da educação não deve ser imposta de fora, ou enxertada, acrescentada de forma a transferir de um corpo a outro. Neste movimento o indivíduo não é visto como uma célula isolada, mas fundamentalmente como um ser social, ou seja, a autonomia só pode ser bem sucedida num processo coletivo. Mesmo que a mudança individual não mobilize necessariamente a mudança social, aquela é pré-condição desta. Desta forma Adorno revela em seu pensamento as marcas de Marx – a razão é constituída socialmente e ligada a valores, interesses e tais relações imprimem marcas no processo racional, e Freud – rompendo com o otimismo ingênuo do iluminismo resgatando o fato de que não existe uma razão pura ou que esta está perpassada por algo incontornável, o inconsciente.

Adorno é contrário a qualquer tipo de modelo ideal, pois entendia que modelos ideais para a educação agem como uma postura autoritária que impede a autonomia intelectual de cada pessoa, uma imposição exterior. Afirma que a categoria da emancipação, da autonomia

deve ser introduzida no pensamento e nas práticas pedagógicas mesmo admitindo dificuldades de se compreender e de se efetivar tais pretensões da educação:

[...] em primeiro lugar, a própria organização do mundo em que vivemos e a ideologia dominante. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação. Seria efetivamente idealista no sentido ideológico se quiséssemos combater o conceito de emancipação sem levar em conta o peso imensurável do obscurecimento da consciência pelo existente. No referente ao segundo problema, deverá haver entre nós diferenças muito sutis em relação ao problema da adaptação. De um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação (ADORNO, 1995, p. 143).

A educação seria impotente se ignorasse um dos seus objetivos, o de adaptação ou transmissão de cultura e não contribuísse na preparação dos homens com vistas a se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se reduzisse a isto, produzindo nada além de pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Esta ambiguidade talvez não nos seja possível superar, no entanto, a ela não se pode sucumbir.

Portanto, o intento de Adorno que a educação esteja preocupada em formar sujeitos emancipados e, com isso, concretizar uma sociedade verdadeiramente democrática. Só uma educação que vise formar gerações com o escopo de formar uma sociedade guiada pela razão (poder para a reflexão e autodeterminação), pelo princípio da autonomia (pensar e agir por conta própria) e pelo exercício da emancipação (formação política e cultural), é capaz de contribuir no sentido de combater a ameaça de regressão à barbárie.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ASSOUN, Paul-Laurent. **A Escola de Frankfurt**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BUENO, Sinésio Ferraz. Educação e barbárie: da dialética do esclarecimento ao homo saber. In: PAGNI, Pedro. GELAMO, Rodrigo. (Org). **Experiência, Educação e contemporaneidade**. São Pulo: Cultura acadêmica, 2010.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. 3 ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1959.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina. A democracia como credo pedagógico na filosofia de John Dewey. In: FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina (orgs.). **Leituras sobre John Dewey e a educação**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2011, p.103-128.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina. A educação democrática na escola deweyana: para discutir a relação entre educação escolar e democracia. **Filosofia e Educação**. Campinas, v.7, n.2, jun./set., p.75-93, 2015.

FÁVERO, Altair Alberto; BECHI, Diego. O conceito de experiência e a formação para a democracia numa perspectiva Deweyana. **Educação**, Santa Maria, v.43, n.41, p.655-666, out./dez., 2018.

FOUCAULT, Michel. **O Anti-Édipo**: uma introdução à vida não-fascista. Cadernos da subjetividade, São Paulo, número especial, junho de 1996.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MAAR, Wolfgang Leo. Adorno, Semiformação e Educação. **Revista Educação e Sociedade**. Vol. 24, n 83. Campinas, 2003. Disponível em [www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br). Acessada em: 15 de junho de 2016.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre *fake news* e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

SUAREZ, Rosana. Notas sobre o conceito de Bildung: Formação Cultural. **Revista Kriterion**. Belo Horizonte, nº 112, Dez/2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v46n112/v46n112a05.pdf>. Acessado em: 15 de junho de 2016.

VIANA, Nildo. Adorno: Educação e Emancipação. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. N. 4, maio 2005/out. 2005. Disponível em: [www.periodicos.unb.br](http://www.periodicos.unb.br). Acessado em: 15 de junho de 2016.

TEIXEIRA, Luciana da Silva; HORN, Geraldo Balduino. Educação escolar: leitura e análise a partir da perspectiva adorniana. **Ver. Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 13, n. 40, p. 977-997, set./dez. 2013. Acessado em 20 de junho de 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/dialogo-12304.pdf>

---

Submetido: 12/03/2022

Aprovado: 12/04/2022